

*Quase 50 anos depois, já me é mais fácil escrever sobre Goa. Direi mesmo, torna-se necessário.*

*É com o testemunho dos que realmente viveram os factos, que os historiadores irão beber, para escrever a História. O somatório das pequenas histórias, dará a perspectiva real do que aconteceu.*

*Falemos então na primeira pessoa.*

*Durante muitos anos ninguém nos quis ouvir. Obrigaram-nos a calar e a ser condenados sem julgamento.*

*Contra o que é normal, eu não fui para a Índia obrigado. Fui porque me ofereci. Fui porque quis. Fui porque gostava de Goa, ainda antes de a conhecer.*

*Não pretendia combater, nem colonizar, nem seguir a carreira militar. Andava na Escola Superior de Belas-Artes e pretendia acabar o curso depois, então já mais amadurecido.*

*Pretendia conhecer aquela terra, onde os feitos de um nosso antepassado foram respeitados, a tal ponto que a Azambujeira, por via disso, teve “a mercê” de ser elevada a vila. Foi uma ligação que, desde 1633, nos uniu a Goa.*

*Assim pretendia aprender, conhecer, saber mais.*

*Com algumas referências dadas pelo meu amigo Vamona do curso de pintura, para lá parti na Primavera de 1961.*

*A chegada de madrugada, com centenas de mulheres carregando cestos de minério de ferro à cabeça, em intermináveis filas, foi brutal, avassalador, com o fundo do coqueiral a definir o horizonte com o cantar continuado das gralhas.*

*Calor. Pó vermelho. Esforço humano. Foi a minha primeira sensação de Goa.*

*Vermelho negro, pó. Gralhas. Mulheres em fila. Saris escuros do pó e do suor. Sol vermelho a despontar.*

*Logo que me instalei no Alto Mangor, comecei a percorrer veredas e caminhos, festas populares ou religiosas fosse qual fosse o deus venerado, festa hindu ou cristã. Tudo queria assimilar. Compreender. Guardar.*

*À noite caminhando por entre as suas habitações, ouvia o dedilhar das guitarras dando sentido pleno a uma harmonia cálida, própria da natureza.*

*Como queria conhecer melhor os goeses e tendo aptidões para dar aulas, ofereci-me para o fazer gratuitamente no Colégio de Santo André, em Vasco da Gama.*

*Foram três meses gratificantes.*

*Ali encontravam-se lado a lado aulas em marata, concani e português. Todos conviviam em alegria.*

*Aprendi muito, mais do que ensinei, e mal sabia que brevemente iria ser duplamente recompensado pelo tempo que ali dedicava.*

*Em Dezembro entramos de prevenção. Era responsável pela defesa em primeira linha do aeroporto e, simultaneamente observador avançado da Bateria de Artilharia 2, que ocupou o lugar da anterior Bateria de Santarém.*

*O lugar que me estava destinado, era no cimo da torre de controle do aeroporto.*

*Aí, ainda tentei terminar o jornal “Alerta” que deveria ser distribuído antes do Natal, o que já não foi possível.*

*Todos os dias éramos sobrevoados pela U.I. e vigiados pela força da marinha-de-guerra que se instalara nas nossas águas, bem frente ao aeroporto.*

*Na manhã do dia 18 fui para a pista, como era hábito. Eram 7 horas da manhã. Também já lá estavam o comandante dos TAIP Solano de Almeida, o Dr. Pinho e o Capitão Lobo da Costa.*

*A manhã estava linda, a temperatura àquela hora era refrescante e o céu azul, bem azul. Um dia tonificante.*

*As gralhas grasnavam, o que era natural.*

*A pouco e pouco, comecei a ouvir um ruído que aumentava rapidamente. O capitão Lobo da Costa gritou: “Aí vêm eles!” e atirou-se para o chão, com as mãos a tapar a cabeça. Todos fizeram o mesmo. Eu ainda perguntei: “Eles quem?”. Ninguém respondeu e também não era necessário. As bombas tinham começado a cair em vagas sucessivas. Os aviões picavam. Bombardeavam. E voltavam de novo, uma e mais uma vez. Três horas vividas, segundo a segundo, rezando para que a próxima não nos caísse em cima. Felizmente graças aos sacos de areia, com que no domingo anterior tínhamos protegido as 3 secções de metralhadoras de 4 cm, ninguém morrerá. Apenas ferimentos de estilhaços e algumas roturas de tímpanos.*

*As secções foram colocadas uma em cada extremo da pista principal e outra ao meio, onde esta entroncava com o caminho que seguia para o Alto Mangor.*

*Impotência terrível para aqueles homens, que nada podiam fazer contra os ataques aéreos. Stress que ficou gravado na memória. A vida e a morte separada por 30 cm de sacos de areia. À volta era um mar revolto, um inferno de estilhaços, poeira, terra esventrada, cheiro a enxofre. Silvos, aviões a picar e bombas a explodir.*



*Os décimos de segundo desde o silvo até à explosão final, eram o tamanho de uma vida.*

*A respiração parava, a cara espalmada no chão, o capacete bem apertado, e com um olhar para Deus pedia-se que ainda não fosse daquela vez. Depois da explosão, era o alívio. E olhávamos à nossa volta para saber dos outros.*

*Foi medo que ninguém se envergonha de admitir.*

*O Furriel Paiva que o diga, já que estava na zona mais massacrada, mesmo no enfiamento da pista.*

*A diferença entre a violência a que todos estivemos sujeitos, nós e todos os outros do Posto de Rádio, de Diu e de Damão, em relação a toda a Guerra do Ultramar, é que nós não tínhamos nenhuma anti-aérea com que pudéssemos reagir para, pelo menos, libertar todas as nossas raivas e medos.*

*Foram 4 horas brutais. Passivas. De aguentar.*

*As bombas abriam à nossa volta crateras enormes, cogumelos lindos, amarelo avermelhado, e nós corríamos de um lado para o outro. Era atirarmo-nos para o chão, baixarmos a cabeça, tapar os ouvidos e ter esperança que ainda não era desta vez.*

*Era aguentar, aguentar e aguentar.*

*E acalmar o pânico de um ou outro companheiro.*

*E esperar que os depósitos de combustíveis para os aviões não fossem atingidos, como esteve para acontecer diversas vezes.*

*E não pensar em nada, porque não havia tempo para isso.*

*Pelas 11 horas, não havendo qualquer ligação ao comando, desci da torre com o Dr. Pinho e carregámos a velha ambulância com todo o material sanitário do posto médico, indo depois ao encontro do comandante e do resto do pessoal. Recebemos ordens para nos agruparmos então nos estaleiros navais. Soubemos, que com os bombardeamentos começara também a invasão por terra, e que os pára-quedistas estavam perto da fronteira prontos a reforçar o ataque, caso se justificasse.*

*Ao deixarmos o aeroporto, quando o nosso jipe fazia a curva, a caminho de Vasco da Gama, numa zona aberta com boa visibilidade e sem qualquer cobertura, fomos inesperadamente alvejados pela marinha, de que éramos alvo fácil.*

*Uma das granadas rebentou a escassos metros à nossa frente, atirando-nos a mim, ao condutor 1º Cabo Encarnação e ao Cabo de Transmissões Albuquerque, pelo ar, juntamente com a viatura que foi atirada para fora da estrada. Com grande esforço,*

*muito nervoso e muito medo, devido ao risco de voltarmos a ser atacados, conseguimos colocar o jipe de novo na estrada e com um bom empurrão, lá conseguimos sair daquela situação complicada.*

*Um pequeno incêndio destruiu o rádio-transmissor, mas não foi isso que nos fez parar. Apagámos o incêndio e saímos dali rapidamente.*

*Nos Estaleiros Navais o Comandante do Agrupamento Vasco da Gama, Major Cardeira da Silva, perguntou-me se não me importava de ir com o meu pessoal organizar a defesa da Praia da Bica. Disse-me que era das poucas praias que não estava minada e tinha receio que isso fosse do conhecimento da U.I., que talvez tentassem desembarcar por ali com alguma força de fuzileiros.*

*Respondi que iria, pedindo apenas que me dessem um jipe com rádio e antena suficiente para ficar em ligação com o QG. Aproveitei para referir que via ali deitados no chão e a descansar, alguns oficiais que considerava com mais conhecimentos do que eu para defender uma praia, tanto mais que eu era de Artilharia.*

*Antes de partir, ainda tive oportunidade de assistir ao massacre a que foi sujeito o nosso “Afonso de Albuquerque”, até que por fim o conseguiram encalhar.*

*Ao chegarmos à Praia da Bica encontrámos 2 camiões civis, carregados com mantimentos, chocolates e cigarros que aproveitámos para distribuir pelo pessoal e pela população civil, com deferência especial pelo padre da aldeia. Disseram-nos que as GMC tinham sido ali deixadas pelo pessoal da PEI.*

*O receio que tínhamos era verdadeiro. A praia era quase indefensável. Pela frente o mar aberto e à nossa retaguarda um planalto. Estávamos isolados.*

*Como era previsível, não havia contacto via rádio. Naquele buraco nada funcionava. O rádio não tinha qualquer utilidade, nem para receber nem para transmitir. Estávamos entregues a nós próprios.*

*Tentámos organizar a defesa, com a dificuldade de não sabermos se o inimigo viria por mar ou por terra. Dividimos os 40 homens em turnos e secções, montámos as metralhadoras, cavámos protecções e preparámo-nos para passar ali a maior noite da nossa vida. Ou a decisiva. Os habitantes admirados, espreitavam-nos das suas casas. Diziam-nos que “eles” vinham cortar cabeças a todos. Que fugíssemos.*

*Pelas 10.30h da noite, o silêncio foi interrompido pela partida do último avião português que, com os motores acelerados ao máximo, num espaço bem reduzido que as bombas não tinham destruído, arrancou fazendo vibrar tudo ao nosso redor. Como a praia se situava logo abaixo do aeroporto, sentimos todo o esforço do avião para se libertar da terra.*



*Estando nós ali preparados para tudo, e o tudo poderia ser a nossa morte, naquele momento tivemos inveja daqueles que ali tinham encontrado uma janela para salvar a vida.*

*Os que dormitavam, saltaram assustados. Os pássaros voavam das árvores e o Comandante Solano de Almeida lá partiu a caminho de Lisboa.*

*O resto da noite passou lentamente. A partir daí sentei-me num banco de cimento, de uma casa pintada a amarelo, e esperei que chegasse a madrugada. De vez em quando fazia a ronda e falava com o pessoal. Todos acordados e todos desejando a chegada do dia. Ninguém dormia.*

*Aurora do novo dia ali estava e a preocupação passava pelo rosto de todos. Mais uma vez éramos poucos e mal armados, para o que se pedia de nós. Apenas 3 metralhadoras e 40 Mauser contra o inimigo perigoso e que não sabíamos de que lado atacaria. Se do mar, se do coqueiral. Entretanto alguns habitantes ainda subiam aos coqueiros, para rapidamente retirar a surra.*

*Pelas 11 horas o dono das viaturas, empresário de Margão, quis levar os 2 camiões que a PEI requisitara. Dizia que os indianos já estavam perto e que de nada valeria a nossa oposição. Esta intervenção ainda mais diminuiu a já pouca confiança e moral da nossa tropa.*

*Desocupamos uma viatura e autorizamos que a levasse, ficando nós com outra.*

*No ar ficou uma inquietação que ia aumentando. Por fim, um sargento veio ter comigo e transmitiu-me um pedido: gostavam que eu fosse a Vasco da Gama, saber o que se passava e se por acaso haveria novas ordens para nós, já que tudo devia estar a acontecer muito rapidamente sem o nosso conhecimento. Esperei um pouco mais e quando passava do meio-dia dirigi-me aos Estaleiros, subindo até à estrada do aeroporto.*

*A meio do caminho fui sobrevoado por uma avioneta de reconhecimento, mas nada aconteceu a não ser ter apanhado mais um susto, tentando esconder rapidamente o jipe.*

*Cheguei ao Quartel-General, onde procurei o Capitão Lobo da Costa. Quando me viu, bateu com a mão na testa e exclamou: “Oh pá! Esquecemo-nos de vocês.”*

*Então disse-me que tudo já tinha acabado, que voltasse para a praia e levasse o pessoal para o quartel, onde aguardaríamos a chegada do exército indiano. Que ninguém poderia, a partir dali, fazer fogo. A confusão e o desânimo eram grandes, assim como o cansaço. Era mais um grupo de oficiais, do que um comando militar.*

*A Goa, de Afonso de Albuquerque e de São Francisco Xavier, findava.*

*Regressei triste. A pouco e pouco, a carga negativa daquela verdade foi caindo em mim. 500 anos e porquê terminar comigo? Na estrada lá ao fundo, todos me esperavam. Correram ao meu encontro, até à primeira casa da praia. Quando lhes disse que o Governador pedira tréguas, abraçaram-se, deram pulos de alegria e sentiram-se vivos de novo. O milagre acontecera.*

*Regressámos, com uma enorme alegria de grupo, passámos junto às bombas que não tinham explodido e chegámos ao quartel.*

*Depois foi passar pelo meu quarto, distribuir tudo o que tinha levado para Goa – tudo o que tinha, roupa, livros, mobília –, pelos vizinhos; e em seguida, fui juntar-me ao Comandante no Alto Mangor.*

*Não havia água, mas o quartel estava intacto, não fora bombardeado.*

*Alguém veio pedir-me a “Guerra e Paz” da nossa biblioteca. Disse que levasse o que quisesse. Não sei se o conseguiu trazer. Gostava de saber que sim. No meio da confusão, depois de salvar a vida era bom saber que alguém ainda se preocupava com Tolstoi.*

*O Capitão Lobo da Costa e o Marques da Silva queimavam documentos classificados, como se isso agora tivesse algum interesse para os indianos ou para nós.*

*Chegou a noite. O IN aproximou-se, mas só entrou no aquartelamento no domingo de manhã.*

*Foi mais uma noite sem dormir.*

*A partir daí tudo foi triste, cada vez mais triste começando pelo arrear da nossa Bandeira e pelo içar da União Indiana.*

*Foram revistas e mais revistas. E roubos e mais roubos pelos soldados indianos, saqueando máquinas fotográficas, relógios, comida, tudo.*

*Partimos à tarde, a pé, acabrunhados, sem saber para onde íamos. Marcha em pelotão, mochila às costas.*

*O que não podíamos levar deixámos para trás, deitámos fora.*

*Voltei a passar pela nossa messe, onde todos me conheciam. Vi lágrimas nos olhos cabisbaixos dos goeses amigos. Ninguém nos ofendeu.*

*Foi uma viagem terrível, pesada. Eram 3 horas da tarde.*

*Há 3 noites que não dormia. A realidade e o pesadelo estavam muito próximos. O calor era insuportável. O cansaço também.*



*Marchávamos rodeados pelas tropas da U.I.*

*Mas afinal não fomos para Poona na U.I., como circulara entre nós. Ficámos ali bem perto, a poucos quilómetros, em Alparqueiros, que era um aquartelamento nosso, na encosta junto ao rio Zuari.*

*Éramos prisioneiros de guerra e o campo passou a chamar-se Charlie Pow Camp.*

*Capinámos, apanhámos pedras, depois das pedras, pedrinhas, depois vedámos e enfarpámos para não podermos fugir.*

*Os shiks eram rígidos mas não exageradamente rudes. Os gurkas eram piores. Mas todos disciplinados e bem enquadrados por sargentos que tinham feito a 2ª Guerra Mundial.*

*Enfiámos, bem alinhados funis da GMC pelo campo, de 50 em 50 metros segundo uma linha pintada no chão. Pintámos os funis a 2 cores e só depois percebemos que tínhamos construído os urinóis públicos do campo.*

*E sempre em formaturas, à torreira do sol, ou inesperadamente a meio da noite, para mais uma cena do “one, two, three”, ou seja, de contagem que infelizmente só dava certo uma ou duas horas depois e sempre em sentido.*

*Alguém, na primeira vez tentou que os oficiais fossem contados, sentados no chão. Ninguém aceitou. Ninguém obedeceu. Dizem que foi ideia do “bom prisioneiro”. De pé sim, até porque ainda estávamos vivos e éramos oficiais.*

*Como queria muito ver as minhas vizinhas, um dia pedi para ir sob escolta ao antigo quartel buscar cantis, colheres e marmitas que muita falta faziam ao pessoal.*

*Autorizaram-me e lá fui num jipão com 5 shiks a acompanhar-me.*

*Ao passar por elas, atirei um embrulho ao chão onde tinha escrito que precisava de linhas e agulhas. Oficiais indianos viram e apanharam a mensagem, o que me deixou preocupado. Uma semana depois fui chamado ao comandante indiano Major Carvalho, que me deu o estojo de costura que eu tinha pedido às senhoras. Perguntei se podia falar com elas, respondeu negativamente.*

*Depois do campo estar todo fechado e cercado com arame farpado, a pedido da Cruz Vermelha foram autorizadas visitas de civis aos prisioneiros.*

*Logo que fomos avisados, abeirámo-nos da encosta por onde subiam as pessoas. Não estivéssemos nós presos e a vista dali era magnífica. As cabanas dos pescadores, os barcos, o coqueiral, os saris ao sol e logo depois, a cidade de Vasco da Gama e o mar.*

*Quando a subida das pessoas foi autorizada, ficámos pasmados. Eram centenas, para não dizer milhares de pessoas que nos queriam ver, falar connosco, lamentar o nosso cativo e dar-nos esperança, porque a nossa esquadra e os nossos aviões já estavam no Paquistão. “Brevemente tudo voltaria à mesma”. E faziam-nos festas. E choravam. E tocavam-nos. E sorriam.*

*E traziam um ou dois cigarros, como aquele taxista que veio de Pangim, à procura do Sr. Alferes que uma vez veio no seu táxi.*

*E os meus alunos levaram-me bananas, bolachas, leite e muitas palavras de consolo. E o director do colégio enviou-me uma carta amiga.*

*E as pessoas a quem tinha oferecido as minhas roupas, trouxeram-me as camisas passadas a ferro, e lençóis para a cama – como se eu tivesse cama!*

*Disse-lhes que não precisava, que ficassem com tudo.*

*Da primeira vez e em todas aquelas que os indianos autorizavam visitas, foi sempre assim, com a única diferença que quanto mais tempo passava, maior era a peregrinação encosta acima, parecia que toda a Goa ia ter ali. Era um consolo para nós, mas era um escândalo para os que tinham ido libertar Goa.*

*Até que, talvez pelo significado político, talvez pela visita da imprensa internacional, as visitas foram proibidas. De repente tudo acabou.*

*A última vez, a da despedida não mais esquecerei, foi muito doloroso.*

*Por ser a despedida, mas também porque tanto os prisioneiros como as visitas eram colocados em corredores com baias de arame farpado, controlados pelos soldados shiks que, gritando e vozeando, impediam ainda mais o entendimento entre nós.*

*Foi um adeus à distância, mais com o coração do que com palavras.*

*Olhando para trás, e em resumo, cumprimos as ordens que nos foram dadas. No entanto sentimos que fazemos parte de um grupo que perdeu tudo. Fomos massacrados durante 40 anos como se fossemos traidores ou cobardes.*

*Em todo o lado aconteceu o mesmo.*

*A pouco e pouco foram-nos calando.*

*Tanto no aeroporto como na praia, estávamos psicologicamente preparados para morrermos pela Pátria. Se a Pátria nos abandonou, nos hostilizou, nos desarmou, nos diminuiu o poder de defesa poucos meses antes da invasão, que culpa tivemos nós?*

*Até chegar o 25 de Abril, éramos cobardes. Depois, éramos fascistas.*



*Foram 5 meses de isolamento, de arame farpado, de torres de controle, com metralhadoras prontas a disparar, de explosões de violência entre nós próprios, meses de fome, nos sentirmos apenas uma pequena peça no xadrez da política, com lavagens ao cérebro, diariamente de ambas as partes.*

*À despedida, prometi a quem me visitava e que muito me ajudaram, que um dia haveria de regressar.*

*Já cumpri. Foi extraordinário. Valeu a pena.*

*Passaram fome para nos alimentar.*

*Agora guardam-nos no coração. Lá, sentia-me em casa.*

*A luta pela dignidade ofendida atirou-nos para a rua, para os corredores de Governos e do Parlamento.*

*Tudo terminou em bem, com Homenagem do Reconhecimento no dia 8 de Maio de 2003, sob a Pala da Nações, e posteriormente com a atribuição de uma pensão mensal.*

*Qualquer país, qualquer nação do 1º ou do 3º mundo, honra e trata com respeito aqueles que responderam à chamada e avançaram ao chamamento da sua Pátria.*

*Têm cerimoniais em dias próprios, com elevada dignidade e respeito pelos Combatentes, transmitindo às gerações mais novas os seus heróis nacionais.*

*Em Portugal o que há? São os Combatentes que se juntam por iniciativa própria.*

*Este escrito espelha a situação.*

*Tenho de ser eu, a tentar provar que nós não fomos cobardes, que se um ou outro não fez o que devia, a maioria cumpriu com o Juramento à Bandeira.*

*Nunca fomos o “bom prisioneiro”. Houve tentativas de fugas, com finais perante pelotões de fuzilamento. Eu próprio desobedei, por não querer comandar homens em transporte de munições, o que era contrário à Convenção de Genebra, e ao voltar-lhe as costas ouvi bem as ordens e o armar das culatras. Não parei e continuei a afastar-me, esperando a qualquer momento o disparar das armas.*

*São histórias, que todos os prisioneiros terão alguma para contar. Para pressionar o Governo de Lisboa, os indianos quiseram abrir-nos as portas dos campos de concentração, aí fizemos ao contrário. Ninguém quis vir embora.*

*À chegada, fomos recebidos entre filas de Polícia Militar e encaminhados para os nossos destinos, sem poder falar com ninguém.*

*Alguns foram obrigados a entregar toda a roupa, ficando completamente nus.*

*Realmente, nada correu bem para nós.*

*Não quero deixar de me referir à população goesa.*

*Estão a surgir seminários, fóruns, debates quase e sempre com a participação de intelectuais ou da alta hierarquia do Exército.*

*Ora, vai fazendo caminho a versão de que os goeses não estavam connosco. Não tenho competências para entrar nessa área política, mas pretendo trazer aqui à memória aqueles goeses que eu conheci, simples, pobres, que sempre encontraram em nós um tratamento humano, o que os levou a percorrer dezenas de quilómetros até aos campos de concentração, para nos dar uma palavra amiga.*

*E não tiveram medo do exército libertador, nem se esconderam em casa.*

*Ainda hoje posso dizer: onde vejo um goês, vejo um amigo.*

*Obrigado pela amizade e pela ajuda que foi tão importante para mim.*

*António Pedro Montez Coelho*